

Jorge Santa Anna

Resumo: Esta investigação discorre sobre a Organização da Informação, um dos mais importantes campos da Ciência da Informação, com foco na prática da catalogação realizada em acervos de bibliotecas. Objetiva demonstrar a percepção dos usuários no que se refere à função de comunicação viabilizada pelo processo de catalogação. Expõe referencial teórico sobre Ciência da Informação e catalogação no âmbito do processo comunicativo e analisa o entendimento que os usuários fazem sobre os registros gerados com a catalogação. Metodologicamente, utiliza pesquisa bibliográfica e estudo focal, o que caracteriza este estudo como de natureza qualitativa, tendo como grupo selecionado, 20 alunos finalistas de uma mesma turma do curso de Biblioteconomia de uma universidade, considerando que esses sujeitos já possuíam um conhecimento prévio acerca dos registros catalográficos. Após aplicação dos métodos de pesquisa, foi possível concluir que a catalogação está inserida no âmbito da Ciência da Informação, uma vez que comunga concepções similares, sobretudo quanto ao processo de comunicação. Todavia, para os sujeitos participantes, a extensão dos registros gerados com a catalogação pode comprometer o entendimento, sobretudo daqueles que não possuem domínio específico de conhecimento da área. Na visão dos alunos, as dificuldades de entendimento dos registros remetem à necessidade de constante aprimoramento dos serviços prestados ao usuário, seja quanto à melhoria do serviço de referência, bem como a aplicação de capacitações aos usuários quanto à leitura e entendimento dos registros bibliográficos, tornando o usuário mais autônomo e facilitando a transferência e uso da informação. Portanto, para que a catalogação atinja suas principais finalidades, sobretudo quanto à emissão das mensagens expressas nos registros catalográficos, faz-se necessário adotar estratégias educativas junto aos usuários, de modo que catalogar e educar sejam práticas indissociáveis, tendo em vista promover a comunicação do que foi representado.

Palavras-chave: Catalogação; Ciência da Informação; Educação de usuários; Processo de comunicação

Abstract: This research deals with the Organization of Information, one of the most important fields of Information Science, with a focus on cataloging practice carried out in library collections. It aims to demonstrate the perception of users regarding the communication function made possible by the cataloging process. It exposes theoretical referential on Information Science and cataloging at the heart of the communicative process and analyzes the understanding that the users make about the records generated from cataloging. Methodologically, it uses bibliographical research and a focus study, which characterizes this study as having a qualitative nature, and uses as a selected group, 20 finalist students from the same classroom belonging to a university librarianship program, considering that these subjects already had previous knowledge about the cataloging records. After applying the research methods, it was possible to conclude that cataloging is part of Information Science, since it shares similar conceptions, especially regarding the communication process. However, for the subjects involved, the extension of the records generated by the cataloging may compromise the understanding, especially of those who do not have specific domain of knowledge in the area. In the view of the students, the difficulties of understanding the records point to the need for constant improvement of the services provided to the user, whether regarding the improvement of the reference service, or the application of training to the users in what concerns reading and understanding of the bibliographic records, making the user more autonomous and facilitating the information transfer and use. Therefore, so that cataloging achieves its main purposes, especially regarding the messages expressed in the cataloging records, it is necessary to adopt educational strategies with the users, so that cataloging and educating are inseparable practices, aiming to promoting the communication of what was represented.

Keywords: Cataloguing; Information Science; Users education; Communication process

1. Introdução

As transformações ocorridas nos últimos tempos proporcionaram o nascimento de uma sociedade que busca por inovações, haja vista se adequar às novas necessidades do mundo moderno, sustentado por um mercado altamente instável e competitivo. A sobrevivência dos elementos sociais, seja as pessoas, as organizações, instituições e profissões está ligada à capacidade de inovação, tendo a informação como o insumo básico para consolidar essa capacidade.

A informação tem sido o recurso que contribui na formulação de estratégias, de modo que os elementos sociais adquirem valor diante do público consumidor de produtos e serviços colocados à disposição da sociedade. Portanto, a Sociedade da Informação caracteriza-se como um novo estágio do processo civilizatório, cuja atenção está na busca e uso da informação para garantir inovação.

O valor e importância atribuídos à informação têm despertado o interesse em estudos científicos acerca desse recurso, sendo necessário, para tanto, uma ciência ou disciplina que estude as propriedades e as demais nuances que permeiam o fluxo desse recurso na sociedade, desde sua produção, contemplando sua transferência, até seu uso e aplicação para geração de conhecimento no contexto social.

Portanto, o estudo científico da informação tem viabilizado o desenvolvimento de uma ciência, a qual se coloca a serviço de outras ciências, uma vez que a informação sustenta inúmeras práticas científicas e profissionais de outras áreas do conhecimento. A esse respeito, a Ciência da Informação surge, segundo Silva e Ribeiro (2008), como um campo interdisciplinar que contribui com o desenvolvimento científico, profissional e social.

Inúmeros estudos demonstram a trajetória evolutiva dessa ciência, considerando-a como uma ciência pós-moderna, em fase de evolução, surgida nos Estados Unidos, sobretudo a partir da instabilidade social vivenciada pelas nações após a Segunda Guerra Mundial, o que despertou a necessidade de se buscar informação, a fim de se alcançar inovação, a qual restabelesse a crise instalada com o pós-guerra (ORTEGA, 2004; RUSSO, 2010; SIQUEIRA, 2012; ARAÚJO, 2014, dentre outros).

Embora a Ciência da Informação tornou-se reconhecida em meados do século XX, alguns estudos consideram que não há como negar sua forte relação com as áreas ou disciplinas que lidam com o tratamento da informação, principalmente com a Biblioteconomia, a qual tem se manifestado como o “núcleo duro” dessa ciência, como nos esclarecem Nhemy *et al.* (1996).

As reflexões de alguns teóricos, tais como Shera e Cleveland (1977) e Silva e Ribeiro (2008) demonstram a forte relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, ao ponto de supormos que a Ciência da Informação configura-se como uma evolução da Biblioteconomia. Assim, as práticas de organização do conhecimento, realizadas nas antigas bibliotecas, podem ser vistas como bases pioneiras para o desenvolvimento da Ciência da Informação.

No entanto, importante considerar que a grande diferença está não nas origens, mas sim na forma como essas áreas foram formadas ao longo do tempo, considerando as necessidades sociais e os atores envolvidos na construção do fazer científico de cada uma

dessas áreas, as quais se sustentam em concepções paradigmáticas diferenciadas, conforme relatado no estudo de Oliveira (2005).

Segundo a autora supracitada, a grande diferença entre essas áreas diz respeito à abrangência quanto ao estudo da informação e sua tramitação em diversos contextos. No caso da Ciência da Informação, ela estuda todas as propriedades e manifestações da informação no decorrer de todo o ciclo da informação, sobretudo no que se refere aos processos de recuperação, transferência e uso da informação, enquanto que a Biblioteconomia adentra-se, com mais intensidade, aos métodos de organização da informação em acervos bibliográficos.

Considerando a tríade “recuperação, transferência e uso da informação”, afere-se que a Ciência da Informação insere-se no contexto da Comunicação, discussão essa apresentada por Bouche (1988) e ampliada por Le Coadic (2004). Nas palavras do primeiro autor tem-se que a Ciência da Informação “é uma parte da ciência da comunicação que diz respeito ao **ato completo da comunicação**, em particular seus aspectos humanos, econômico, jurídico e social” (BOUCHE, 1988:100, grifo nosso).

Para Le Coadic (2004), a Ciência da Informação estuda a informação, considerada como um produto ou matéria-prima que sustenta o processo comunicativo. Além de estudar as características da informação, também deve-se preocupar com a sua distribuição na sociedade, fato esse que consolida um ciclo que se retroalimenta, tendo em vista os processos de construção, comunicação e uso da informação.

Portanto, ao analisarmos os processos de representação - permeados, em grande parte, pelas atividades de catalogação, indexação e classificação de documentos - processos esses realizados desde tempos imemoriais nas tradicionais bibliotecas, evidenciamos que os fazeres bibliotecários estão inseridos no processo comunicativo, podendo, assim, receber contribuições da Ciência da Informação, haja vista permitir que a informação armazenada nos acervos bibliográficos seja utilizada da melhor forma possível pelos sujeitos informacionais.

Essa contribuição oriunda, principalmente, com o desenvolvimento de sistemas informatizados de armazenamento, busca e recuperação de documentos, tem ocasionado uma maior aproximação entre os estudos da Ciência da Informação e as práticas bibliotecárias realizadas, principalmente, na manutenção de acervos digitais. Para Le Coadic (2004), esse trabalho ocasiona inúmeros benefícios, principalmente por permitir a transferência da informação em diversos canais, aproximando os agentes emissores de seus receptores, por conseguinte, contribui com o processo de disseminação da informação.

Mey e Silveira (2009), ao discorrerem sobre a catalogação e a função dos catálogos nas bibliotecas, consideram esses fazeres como práticas que se colocam a serviço da comunicação. A verdade é que ao representar as características dos itens informacionais de uma coleção em um catálogo, seja ele impresso ou automatizado, pretende-se estabelecer pontos de acesso entre a informação e o registro bibliográfico representado, tendo como intenção viabilizar a recuperação da informação.

Essa recuperação e, conseqüentemente, a localização do item na estante somente ocorrerá se houver entendimento por parte do usuário, ou seja, se ele atribuir sentido aos códigos e formatos de catalogação. Nessa discussão, Mey e Silveira (2009:3, grifo nosso) dialogam

com Rudiger (2004:85-86), descrevendo que: “As mensagens veiculam símbolos e sinais, que precisam ser **entendidos pelas pessoas**: transferências de informações só podem ocorrer dentre de **processos de compreensão** [...]”.

Constata-se que a comunicação somente ocorre se houver compreensão. Desse modo, o processo de catalogar ou representar os itens bibliográficos através de linguagens e códigos específicos da Biblioteconomia torna-se uma atividade complexa, exigindo inúmeras habilidades do bibliotecário, sobretudo ao considerar o usuário como um dos principais elementos do processo, pois é ele quem decodificará a mensagem contida nos códigos de representação.

A atividade de representar itens informacionais em um catálogo – processo de catalogação – deve ser realizada com cautela, pois, segundo Almeida (1997), esses fazeres têm sido feito de forma muito tecnicista, o que pode comprometer os processos de compreensão do usuário, ao realizar a leitura dos registros criados. Para o referido autor, quando se cria códigos, a ideia primordial é, “esconder algo”, portanto, no contexto bibliotecário, esses registros devem ser transparentes, de modo que possam ser lidos, compreendidos, logo, a informação seja comunicada e usada, alimentando o ciclo da informação na sociedade.

Nesse contexto, considerando as similaridades da Ciência da Informação com a Biblioteconomia, sobretudo quanto ao aspecto comunicativo, entende-se que novas propostas podem ser construídas haja vista tornar o processo de representação mais entendível pelo usuário. Isso é viável e possível, pois, conforme refletido por Mey (2005), a catalogação, na atualidade, não pode ser considerada como uma prática ultrapassada. Ao contrário, ela deve se reinventar, tornando-se “uma velha senhora rejuvenescida”, estando sempre presente na tentativa de garantir a aproximação entre usuários e registros.

Portanto, este estudo tematiza a Ciência da Informação e a catalogação, considerando o processo comunicativo como ponto de intersecção¹. Objetiva demonstrar a percepção dos usuários no que se refere à função de comunicação viabilizada pelo processo de catalogação. Para tanto, o estudo apresenta referencial teórico sobre Ciência da Informação e catalogação no âmbito do processo comunicativo e, por fim, analisa a percepção de usuários acerca do entendimento que fazem sobre os registros gerados com a catalogação.

2. Ciência da Informação e Catalogação à luz do processo comunicativo

O crescimento do número de publicações nos últimos anos, sobretudo a partir do desenvolvimento tecnológico, o qual contribuiu com essa expansão, tem despertado novas formas de disseminação e acesso à informação, seja ela de caráter técnico, científico ou

¹ O presente estudo teve sua gênese a partir das discussões propostas em sala de aula na disciplina *Catalogação I*, no Curso de Biblioteconomia, no ano de 2015. Nesse mesmo ano, foi apresentado resumo expandido da revisão de literatura do trabalho no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD). Em 2016, apresentaram-se alguns resultados parciais alcançados com o estudo focal, no Seminário de Ciência da Informação (SECIN). Logo, este artigo contempla os resultados finais, abarcando todas as etapas ao longo dos três anos de investigação.

meramente informativo. Esse fato favoreceu o desenvolvimento da indústria da informação, em que novos produtos e serviços são gerados, haja vista garantir a gestão e o uso da informação na sociedade (LE COADIC, 2004).

O aparecimento da indústria da informação, aliado ao desenvolvimento da produção e das necessidades de informações, bem como o advento das tecnologias eletrônicas, as quais têm permitido a ampliação dos serviços de informação para além das unidades físicas, constituem fatores principais que justificam a necessidade de se pensar em uma ciência para gerenciar essa explosão da informação a qual vivemos na atualidade. Assim, não resta dúvida de que, a sociedade precisa de uma ciência que estude as propriedades da informação e os processos envolvidos na construção, comunicação e uso da informação (LE COADIC, 2004).

A Ciência da Informação configura-se como uma ciência que visa promover uma ampla e efetiva gestão da informação na sociedade, permitindo que o fluxo da informação seja retroalimentado, no intuito de que a informação seja transmitida, promovendo a geração de novos conhecimentos (OLIVEIRA, 2004).

Muitos teóricos consideram que ao estudar os fluxos da informação, deve-se dar atenção aos processos de comunicação entre humanos, senão, o fluxo é interrompido. Portanto, a Ciência da Informação está extremamente ligada à Comunicação, requerendo o estudo do processo comunicativo. Para se concretizar é necessário, *a priori*, existir a presença de alguns elementos básicos, tais como: um agente emissor, um agente receptor, uma mensagem a ser decodificada, e, por fim, a presença de códigos, os quais “materializam” as mensagens, a serem transmitidos por meio de canais comunicativos (LE COADIC, 2004).

Importante frisar, também, que esses elementos foram criados e devem estar em sintonia durante a comunicação, tendo em vista, viabilizar o entendimento. Logo, constata-se que o processo comunicativo somente se consolida se provocar o entendimento da mensagem, ou seja, se o receptor conseguir decodificar os códigos transferidos por meio dos canais, e, consiga entender o que o emissor está transmitindo (BOUCHE, 1988; SILVA; RIBEIRO, 2008).

Para Le Coadic (2004), a comunicação compreende o ato de transmitir mensagens e informações a outrem, sendo que o receptor precisa compreender essas mensagens, de modo a transferir para o emissor o seu entendimento, do que lhe foi comunicado (*feedback*). Portanto, consolida-se um processo permeado por diversas etapas, cujo objetivo desse processo é permitir que a informação seja transferida do emissor para o receptor, conforme evidenciado no modelo tradicional do processo comunicativo proposto pela Ciência da Comunicação.

No entanto, segundo Le Coadic (2004), o modelo proposto pela Comunicação limita a compreensão das diversas etapas e das atividades que as norteiam, dificultando, dessa forma, o estudo do comportamento, das propriedades e das forças que viabilizam esse fluxo. Assim, refutando o modelo linear bilateral (informador – informado), proposto pelos meios de comunicação de massa como proposto pela Teoria da Informação (emissor – mensagem – receptor), o autor citado propõem um novo modelo, considerando a transferência da informação na sociedade, conforme evidenciado na fig. 1.

Fig. 1: O ciclo da informação – Modelização social



Fonte: Le Coadic (2004:10).

As diversas etapas que permitem a manifestação do ciclo da informação devem se retroalimentar de forma integrada, considerando todas as atividades realizadas por diferentes profissionais, de modo que a informação chegue aos destinatários finais e produza conhecimento, viabilizando novas descobertas e conquistas para a sociedade. Essa modelização social proposta considera a transferência da informação entre humanos, sendo trabalhados métodos, técnicas e instrumentos que facilitem essa tramitação, assim como o entendimento e uso da informação circulante em diferentes espaços, canais e contextos.

Considerar todas as etapas que permeiam o fluxo da informação requer, portanto, criar um relacionamento com outras áreas do saber, o que afere, uma forte interdisciplinaridade atribuída à Ciência da Informação (SARACEVIC, 1996). Para Oliveira (2005), *a priori*, as etapas iniciais do ciclo da informação dizem respeito às atividades de tratamento e armazenamento, comumente realizadas em bibliotecas e centros de informação. Por sua vez, as etapas voltadas ao uso e disseminação da informação envolvem questões mais complexas, o que requer estudos mais aprofundados, com uma abordagem mais integrada a outras disciplinas, desafio esse inserido no bojo da Ciência da Informação.

De qualquer forma, as atividades que estão inseridas no ciclo da informação colocam-se a serviço da disseminação, tendo em vista, facilitar a recuperação da informação, logo, determina o processo de transferência da informação, processo esse inserido nas relações comunicativas. A informação ao ser comunicada gera fluxos que, atravessa diversos canais, chegando ao usuário, o qual, inserido em contexto específico, produzirá conhecimento. Esses fluxos diluem-se em meio aos processos de produção, uso e difusão da informação, como nos ensina Silva e Ribeiro (2008).

Considerando as reflexões propostas por Becker (1976), Saracevic (1996:47) acredita que a Ciência da Informação trata dos problemas ocasionados com o uso da informação, mas, antes disso, deve considerar os desafios existentes para que a informação chegue ao usuário, ou seja, a pesquisa científica nessa área deve procurar entender a forma como os sujeitos “[...] criam, usam e comunicam informações”.

Assim, embasando-se nas considerações propostas pela Sociedade Americana de Ciência da Informação (ASIS), na década de 1980, Saracevic (1996:46, grifo nosso) nos diz que a Ciência da Informação

[...] é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os **problemas da efetiva comunicação do conhecimento**

e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais.

Observa-se que uma das características principais da Ciência da Informação é sua interdisciplinaridade com outras áreas, o que a confere um aspecto de metaciência. Também devem ser considerados todas as atividades realizadas em prol da organização dos registros do conhecimento, permitindo que a informação armazenada nesses registros sejam transferidas, garantindo, dessa forma, não apenas a custódia, mas a recuperação, o acesso e o uso. Essas características tornam a Ciência da Informação como uma ciência aplicada, fomentando práticas profissionais realizadas em diversas unidades de informação (FROEHLICH, 1985).

A abrangência da Ciência da Informação, conforme prescrito por Froehlich (1985), torna-a uma ciência com corpo teórico, metodológico e pragmático bem definido, sendo, portanto, uma ciência que se coloca a serviço das causas sociais, contribuindo para uma efetiva tramitação e uso da informação no meio social. Assim, a Ciência da Informação caracteriza-se como uma ciência social, como apontado por Silva e Ribeiro (2008) e Araújo (2014).

Ao considerar as técnicas e metodologias de tratamento da informação, atividades essas realizadas com grande frequência, na gestão de acervos bibliográficos, constata-se, portanto, forte similaridade entre os fazeres técnicos propostos pela Biblioteconomia e as discussões teóricas e sociais propostas por Shera e Cleveland (1977).

De forma clássica, Borko (1968) conceitua a Ciência da Informação como aquela que estuda as propriedades da informação em diferentes contextos, tendo em vista procurar esclarecimentos acerca das propriedades e forças que alimentam o fluxo da informação, permitindo que haja sua transferência para geração de novos conhecimentos. Semelhante às considerações desse teórico, Shera e Cleveland (1977) também mencionam que os processos para tornar a informação disponível envolve o conhecimento sobre a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação, o que nos remete a perceber forte aproximação da Ciência da Informação com o processo comunicativo.

Concordando com Borko e ampliando ainda mais a discussão, no intuito de demonstrar as atividades práticas dessa ciência, Froehlich (1985:488, grifo nosso) considera que a Ciência da Informação estuda as “[...] forças que regem o fluxo informacional e os **meios de processamento** para a otimização do acesso e uso [...]”. O autor expande sua discussão e descreve que essa ciência apresenta um aspecto de ciência pura, que indaga o assunto sem levar em conta a sua aplicabilidade, mas, ao mesmo tempo, manifesta-se como uma ciência aplicada, “[...] que desenvolve **serviços e produtos** [...]”, visando organizar essa informação, a fim de facilitar sua recuperação e uso pela comunidade. Importante mencionar aqui, que esse autor considera a Biblioteconomia e a Documentação como aspectos aplicados pertencentes à Ciência da Informação (FROEHLICH, 1985:488, grifo nosso).

Portanto, é possível perceber a relação que a Ciência da Informação estabelece com o processo comunicativo, sendo que esse processo também é contemplado nas atividades

desenvolvidas no tratamento técnico de documentos, realizados em acervos bibliográficos e arquivísticos. O processo de representação da informação, de um modo geral, constitui uma das principais práticas realizadas nas unidades e nos serviços de informação. Embora venha se desenvolvendo com metodologias diferenciadas, devido às mudanças nos suportes de informação e nas novas necessidades demandadas, sua essência tem sido a mesma: registrar o conhecimento e representá-lo facilitando a recuperação da informação (SANTA ANNA; CALMON; CAMPOS, 2016).

A prática da catalogação possui uma forte relação com a comunicação, uma vez que os registros bibliográficos inseridos no catálogo visam estabelecer os pontos de acesso, de modo que a informação torne-se passível de ser recuperada e localizada pelo usuário da informação (SANTA ANNA, 2015).

Esse autor, ao realizar levantamento bibliográfico na literatura especializada de catalogação constatou que a essência da catalogação é viabilizar a comunicação, todavia, a literatura tem apresentado pouca discussão acerca desse relacionamento. O autor recomenda ser de extrema necessidade e importância, sobretudo nos tempos atuais, considerar a percepção do usuário, acerca de seu entendimento sobre os códigos inseridos nos registros catalográficos, pois, se não há entendimento por parte do usuário, a essência do processo não se consolida, uma vez que a comunicação não foi efetivada, por conseguinte, o item não tende a ser recuperado pelos usuários. Assim, é preciso realizar estudos sobre as práticas de catalogação e suas relações com o processo comunicativo, tendo em vista o entendimento do usuário quanto aos códigos instituídos.

Para Mey e Silveira (2009), grosso modo, a catalogação constitui um processo operacional e intelectual que visa estabelecer os pontos de acesso entre o item informacional e o registro criado como forma de representação, o qual será inserido no catálogo. Portanto, a catalogação é a arte de gerenciar catálogos, que pode ser conceituado como “[...] **um canal de comunicação estruturado**, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens, de um ou vários acervos, apresentando-se sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças, aos usuários desse(s) acervo(s) (MEY, 1995:9, grifo nosso).

Percebe-se que as características principais da catalogação estão associadas à comunicação, uma vez que as atividades de tratamento documental visam, *a priori*, a construção de mensagens, estando essas expressas por meio de linguagens específicas, as chamadas linguagens documentárias, que, por meio de instrumentos específicos e sistematicamente estruturados, permitem a geração do registro, o qual deverá ser lido e entendido pelo usuário (RIBEIRO, 2001).

Para Mey (1995:5, grifo nosso), o processo de catalogação é definido como:

[...] o estudo, preparação e organização de **mensagens codificadas**, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários.

Considera-se que as mensagens contidas nos catálogos e por eles disseminadas correspondem a determinados produtos da catalogação, denominados de registros bibliográficos, os quais se manifestam como as representações dos registros do conhecimento, que são compostas por três partes: descrição bibliográfica, pontos de acesso

e dados de localização. Em linhas gerais, a incorporação das mensagens dos itens informacionais nesses registros corresponde às principais práticas de tratamento ou representação de documentos, realizadas em locais específicos das unidades de informação, normalmente denominados de processamento técnico (MEY; SILVEIRA, 2009).

De modo geral, a catalogação apresenta inúmeras funcionalidades, contribuindo com o trabalho de busca e recuperação da informação pelos usuários finais, quanto facilitar o trabalho realizado pelos usuários intermediários (os profissionais que atuam na gestão dos catálogos e dos métodos de representação).

Para Barbosa (1978), a catalogação representa a ligação ou aproximação do acervo aos usuários da informação. É através dessa prática que são transmitidas as informações existentes nos mais diversos itens que formam as coleções de um acervo. Além desse processo ajudar no momento da busca e recuperação de documentos, ele também contribui ao estabelecer o compartilhamento dos registros entre diferentes sistemas de informação, reduzindo a duplicação de esforços ou retrabalho realizado nas diferentes unidades de informação, processo esse denominado de catalogação cooperativa.

Corroborando com esse pensamento, Novelino (1996), para quem os processos de representação da informação devem ser vistos como formas de comunicação estabelecidas entre o documento e os códigos de representação a eles associados. As mensagens dos itens são incorporadas aos códigos e instrumentos de representação, como se fossem abreviaturas do documento. Assim, tal ação comunicativa pode ser analisada de duas maneiras distintas, tendo em vista a recuperação da informação, ou sob o ponto de vista da representação da informação.

Em suma, para que haja comunicação no processo de catalogação, segundo May e Silveira (2009), é preciso pensar nas formas de interpretação do registro por parte do usuário no momento da busca no catálogo. Nesse enfoque, a catalogação deve facilitar que os usuários localizem os itens de que precisam; tenham a capacidade de escolher entre as várias manifestações de um item; possam selecionar entre vários itens semelhantes, sobre os quais, inclusive, possa não ter conhecimento prévio algum; e, por fim, possam expressar, organizar ou alterar sua mensagem interna. A catalogação também permite a um item encontrar seu usuário; como também, permite aos profissionais conhecer a realidade do acervo por eles gerenciados, de modo a permitir a localização de um item específico. Portanto, a essência desse processo está associada à comunicação, estabelecendo vínculos que interliguem usuários, profissionais e unidades de informação, tendo em vista viabilizar a transferência da informação dos documentos para outras instâncias e contextos, por meio de um intenso processo de dinamização.

3. Metodologia

Para atingir o objetivo geral deste estudo, que é “demonstrar a percepção dos usuários no que se refere à função de comunicação viabilizada pelo processo de catalogação”, utilizou-se duas modalidades de pesquisa: a pesquisa bibliográfica e o estudo de foco, realizado com uma turma finalista, composta por 20 alunos, de um curso universitário em Biblioteconomia.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio da análise a diferentes materiais teóricos que abordam a temática em questão, considerando a Ciência da Informação e a catalogação no âmbito do processo comunicativo. Os materiais utilizados foram livros e artigos publicados em periódicos, considerando como principais teóricos: 1 – para a Ciência da Informação: LE Coadic (2004), Oliveira (2004), Siqueira (2012), Araújo (2014), dentre outros; 2 – para a catalogação: Mey (1995), Novelino (1996), Mey e Silveira (2009), dentre outros.

O estudo de foco foi realizado por meio da investigação a um grupo de 20 alunos finalistas do curso de Biblioteconomia. Optou-se por esse grupo, por acreditar que esses usuários, provavelmente teriam um conhecimento básico acerca dos registros catalográficos, o que facilitaria a investigação acerca da clareza desses registros quanto ao entendimento ou interpretação provocada ao usuário, o que desencadearia a afirmação se o processo de catalogação estava sendo elaborado tendo em vista provocar entendimento ao usuário.

Portanto, após a pesquisa teórica, procedeu-se à pesquisa aplicada, por meio do estudo focal, o qual considerou as respostas dos participantes, o que caracteriza o estudo como de natureza qualitativa. O estudo de foco foi realizado por meio da presença do moderador e do observador, considerando alguns aspectos investigados, quais sejam: a catalogação como processo comunicativo; o entendimento das mensagens contidas nos registros catalográficos e dificuldades encontradas; e, por fim, o entendimento e desafios enfrentados pelos usuários leigos no assunto.

4. Resultados e discussões

Através do estudo focal, considerando as questões que subsidiaram o desenvolvimento do debate, junto ao grupo de 20 estudantes finalistas do curso de Biblioteconomia, obtiveram-se alguns dados, os quais estão expostos no quadro 1.

Quadro 1 – Principais dados coletados no debate

Pergunta	Principais respostas
Vocês acham que o processo de catalogação se propõe a comunicar algo?	“Sim. Através das notações inseridas nas etiquetas dos livros, está se pretendendo transmitir uma mensagem para os usuários [...]”.
	“[...] Todas as atividades de tratamento de documentos eu acho que visam informar algo para nosso usuário, portanto é uma comunicação que se pretende alcançar [...]”.
	“[...] Os códigos gerados são os pontos de acesso, logo, há uma comunicação estabelecida entre o item e o catálogo [...]”
	“Eu penso que comunicar é transmitir algo e ao catalogar um item a proposta é justamente essa [...]”.
Vocês conseguem entender o significado do que os registros bibliográficos transmitem? Que dificuldades enfrentam?	“Às vezes eu consigo, agora, tem alguns registros que são muito amplos, dificultando meu entendimento [...]. No caso do formato MARC, ele ajuda muito aos profissionais ao viabilizar o compartilhamento, mas o grande número de campos dificulta entendimento [...]”.
	“Mesmo sendo estudante e gostando da área de processamento da informação, algumas coisas fico

	<p>na dúvida a ponto de ter que consultar os códigos e manuais de catalogação [...]. Acho que o MARC não foi projetado pensando na interpretação do usuário [...].</p>
	<p>“[...] Sempre tive a maior dificuldade em decifrar os códigos [...]. Sei que há uma intenção de comunicação ali, mas tenho dificuldade de interpretá-la, tendo que pedir ajuda [...]”.</p>
<p>Vocês consideram que o usuário leigo pode ter alguma dificuldade no entendimento dos registros?</p>	<p>“Claro que possui [...] Ajudo muito aluno quando estou no acervo [...], no meu estágio. Percebo que eles entendem a minoria da grandiosidade de informações contida nos registros [...]”.</p>
	<p>“Eles possuem dificuldade porque não estudaram especificamente aquilo [...]. Seria ótimo se as bibliotecas melhorassem o serviço de referência [...]”.</p>
	<p>“Nossa! Se nós que estudamos não conseguimos interpretar todas as mensagens, imagine quem não estuda isso [...]. A dificuldade de entendimento é imensa. Eu não acho que temos que melhorar o serviço de referência, mas como diz um professor nosso, é preciso serviços de capacitação de usuários quanto ao entendimento dos registros bibliográficos [...]”.</p>

Fonte: dados da pesquisa (2016).

Como se percebe na análise dos dados acima descritos, constataram-se similaridades nas respostas dos participantes, sendo que todos foram unânimes ao considerar a atividade de catalogação como um processo comunicativo. As falas fornecem a ideia de fluxo, de transferência, transmissão ou tramitação de algo, o que a aproxima com algumas características da Ciência da Informação, ao ser considerada como a ciência que viabiliza a transferência da informação, em diferentes canais, fluxos e em variados contextos, como nos ensina Borko (1968), Bouche (1988), Le Coadic (2004), dentre outros.

No que se refere à capacidade de entendimento das mensagens descritas nos registros, nota-se também semelhança nas diversas opiniões apresentadas pelos partícipes. Para a maioria, consegue-se decifrar as mensagens, quando os registros não são tão grandes e complexos; já para alguns, sempre há dificuldades no entendimento; em todos os casos, a extensão do registro, bem como o número de campos e subcampos são fatores que podem dificultar o entendimento, mesmo a estudantes da área. Muitos entrevistados criticaram a proposta do Marc, aferindo que esse formato foi projetado visando atender os profissionais, no entanto, ele não torna a mensagem mais clara para os usuários. Esse resultado está em conformidade com o estudo de Barbosa (1978), Novelino (1996) e Santa Anna (2015), ao afirmar que os registros não precisam ser extensos, mas que sejam entendíveis pelos usuários da informação. Mey e Silveira (2009) também consideram a necessidade de evitar o excesso de descrição, tendo em vista o foco principal das atenções, que deve ser o entendimento do usuário.

Quando trazido à discussão os problemas ocasionados aos usuários, os estudantes compartilham da mesma opinião ao destacar que a catalogação para ser entendida precisa ser ensinada, portanto, é preciso melhorar os serviços de atendimento, como destacado por Mey (1995), assim como, faz-se necessário, na visão dos participantes, proporcionar serviços de capacitação, de modo que os usuários tornem-se mas autônomos em suas buscas, uma vez que conseguem entender a informação que lhes é transmitida pela

catalogação. A proposta de capacitação foi discorrida na pesquisa de Santa Anna (2015) e a tentativa de voltar-se para o usuário torna essa prática mais humanizada, cujo foco é a transferência e uso da informação, o que consolida o papel social atribuído à Ciência da Informação, como descrito por Shera e Cleveland (1977), Nhemy (1996), Silva e Ribeiro (2008), Siqueira (2012), Araújo (2014), dentre outros.

Evidenciou-se nas respostas, haver necessidade constante de reformulação das práticas de catalogação, dos códigos e instrumentos utilizados, tendo em vista que o profissional deve utilizar essas metodologias, não de forma inflexível, estática, tecnicista e engessada, mas adaptando-as à realidade onde está inserido, considerando o perfil da comunidade atendida. Assim, facilitam-se os processos de trabalho realizados em prol do usuário e viabiliza a disseminação da informação, logo, proporciona a produção de conhecimento, como defendido pela Ciência da Informação nos estudos de Le Coadic (2004) e Oliveira (2005). Com efeito, as atividades de catalogação são constantemente reformuladas com vistas à melhoria contínua, o que torna a catalogação, segundo Mey (2005), uma disciplina sempre renovada, adaptando a novas necessidades e expectativas, se “rejuvenescendo” a cada dia.

5. Considerações finais

Em linhas gerais, por meio deste estudo, é possível concluir que a catalogação está inserida no âmbito da Ciência da Informação, uma vez que comunga concepções similares, sobretudo quanto ao processo comunicativo. Tanto a catalogação quanto à Ciência da Informação possuem em comum a tentativa de viabilizar a comunicação entre os registros do conhecimento e o uso desses registros pelos humanos.

Em linhas gerais, constatou-se que os usuários participantes deste estudo consideram a catalogação como um processo comunicativo, no entanto, em algumas vezes, a extensão dos registros pode comprometer o entendimento, sobretudo daqueles que não possuem domínio específico de conhecimento da área.

As dificuldades enfrentadas pelos usuários entrevistados quanto ao entendimento das mensagens remete à necessidade de constante aprimoramento das atividades de trabalho realizadas nas unidades de informação, de modo que a catalogação realize sua proposta central, que é permitir o acesso à informação por meio do entendimento das mensagens contidas nos registros. A melhoria do serviço de referência, bem como a aplicação de capacitações aos usuários sobre a catalogação são medidas que podem contribuir para que a comunicação seja efetivada, logo, viabilize autonomia ao usuário da informação.

A partir desses resultados, é possível reforçar a importância da educação de usuários, uma prática necessária em ser realizada, com o intuito de qualificar os serviços e produtos oferecidos pelas bibliotecas na atualidade. Portanto, para que a catalogação atinja suas principais finalidades, sobretudo quanto à emissão das mensagens expressas nos registros catalográficos, faz-se necessário adotar estratégias educativas junto aos usuários, de modo que catalogar e educar sejam práticas indissociáveis, tendo em vista promover a comunicação do que foi representado.

Reforça-se a importância e necessidade de se estabelecer uma interação entre a Ciência da Informação e a área da Educação, essa última fornecendo teorias, metodologias, recursos

e estratégias que viabilizem um fazer pedagógico entre bibliotecários e utilizadores dos acervos bibliográficos.

Por fim, esta pesquisa requer a ampliação de sua metodologia, tal como o estudo de outros tipos de usuário, como estudantes de diversos cursos universitários, como também um estudo de toda comunidade acadêmica acerca do que compreendem ao realizar a leitura dos registros bibliográficos. Também são abertas possibilidades de investigação acerca dos enlaces interdisciplinares da Ciência da Informação/Biblioteconomia com a área da Educação, de modo que produtos e serviços sejam continuamente melhorados, a partir de uma atuação educativa, que vai além dos fazeres técnicos e operacionais comumente demandados nas atividades de catalogação.

Referências bibliográficas

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de

1997 *Sociedade e Biblioteconomia*. São Paulo : Polis, 1997.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2014 *Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível*. Brasília : Briquet de Lemos, 2014.

BARBOSA, Alice Príncipe

1978 *Novos rumos da catalogação*. Rio de Janeiro : BNG; Brasilart, 1978.

BORKO, H.

1968 Information science: what is it? *American Documentation*. 19:1 (1968) 3-5.

BOUCHE, Richard

1988 Ciência da Informação: ciência da forma. *Ciência da Informação*. 17:2 (jul./dez. 1988) 99-104.

CASTRO, F.; SANTOS, P. L. V. A. da C.

2009 Uso das tecnologias na representação descritiva: o padrão de descrição bibliográfica semântica MarcOnt Initiative nos ambientes informacionais digitais. *Ciência da Informação*. 38:1 (jan./abr. 2009) 74-85.

LE COADIC, Yves-François

2004 *A Ciência da Informação*. 2ª ed. Brasília : Lemos Informação e Comunicação, 2004.

FROELICH, Thomas

1985 Challenges to curriculum development in Information Science. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1º, Porto, 1985 – *A Informação em tempo de mudança: atas*. Porto: BAD, 1985, vol. 2, p. 488.

MEY, E.

2005 *Algumas questões sobre o ensino da representação descritiva, ou a catalogação na berlinda*. [Em linha]. 2005. [Consult. 30 maio 2016]. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=35.

MEY, E.

1995 *Introdução à catalogação*. Rio de Janeiro : Brinquet de Lemos, 1995.

MEY, Eliane; SILVEIRA, Nayra

2009 *Catalogação no plural*. Brasília : Brinquet de Lemos, 2009.

NHEMY, Rosa Maria Quadros [et al.]

1996 A Ciência da Informação como disciplina científica. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 1:1 (jan./jun. 1996) 9-25.

NOVELINO, Maria Salet Ferreira

1996 Instrumentos e metodologias de representação da informação. *Informação e Informação*. [Em linha]. 1:2 (jul./dez. 1996) 37-45. {Consult. 30 maio 2016}. Disponível em: <file:///C:/Users/aluno-ccje/Desktop/1603-5017-1-PB.pdf>.

OLIVEIRA, Marlene de, coord.

2005 *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte : Ed. da UFMG, 2005.

ORTEGA, C. D.

2004 Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramaZero: revista de Ciência da Informação*. [Em linha]. 5:5 (out. 2004). [Consult. 30 maio 2016]. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm.

RIBEIRO, Antonia Motta de Castro Memória

2001 *AACR2: Anglo-American Cataloguing Rules, 2nd edition : descrição e pontos de acesso*. 2^a ed. Brasília : [A. M. C. M. R.], 2001.

RUSSO, Marisa

2010 *Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Rio de Janeiro : E-papers, 2010.

SANTA ANNA, Jorge

2015 Os usuários da informação e a leitura dos registros bibliográficos: a catalogação como processo comunicativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 26, São Paulo, Anais eletrônicos. São Paulo: FEBAB, 2015. Disponível em: http://siscone.com.br/Uploads/CBBD15/Trab14400190420150330_000000.pdf <>. Acesso em: 30 maio 2016.

SANTA ANNA, Jorge; CALMON, Maria Aparecida de Mesquita; CAMPOS, Suelen de Oliveira

2016 Representação documentária em diferentes bibliotecas: o tratamento informacional como um processo plural. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*. [Em linha]. 21:1 (dez./mar. 2016) 61-75. [Consult. 30 maio 2016]. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1151/pdf>.

SHERA, Jesse; CLEVELAND, Donald

1977 History and foundations of information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*. 12 (1977) 249-275.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda

2008 *Das "Ciências Documentais" à Ciência da Informação*. 2^a ed. Porto : Afrontamento, 2008.

SIQUEIRA, Gessica Camara

2012 Ciência da Informação: personagem da pós-modernidade. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. [Em linha]. 8:1 (jan./jul. 2012) 14-33. [Consult. 30 maio 2016]. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/186/217>.

Jorge Santa Anna | jorjao20@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil